



REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Um barco, um rio, um circo

Rogério Zaim-de-Melo
Luís Bruno de Godoy
Teresa Ontañón Barragán

Para citar este artigo:

MELO, Rogério Zaim-de; GODOY, Luís Bruno de;
BARRAGÁN, Teresa Ontañón. Um barco, um rio, um circo.
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas,
Florianópolis, v. 2, n. 51, jul. 2024.

 DOI: 10.5965/1414573102512024e0302

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



Um barco, um rio, um circo¹

Rogério Zaim-de-Melo²
Luís Bruno de Godoy³
Teresa Ontañón Barragán⁴

Resumo

No mês de outubro de 2023, uma trupe – composta por um professor universitário, um professor de circo e oito acadêmicos – subiu o rio Paraguai em direção ao alto Pantanal para apresentar um espetáculo de circo para crianças que vivem nas regiões alagadas e estudam nas escolas das águas. O presente relato tem o objetivo de narrar a experiência de proporcionar a alunos(as) de duas escolas das águas do Pantanal sul-mato-grossense a oportunidade de assistir a um espetáculo circense e, de maneira sucinta, apontar algumas descrições desse encontro: crianças das águas pantaneiras com o circo.

Palavras-chave: Pantanal. Circo. Escolas das águas.

A boat, a river, a circus

Abstract

In October 2023, a troupe made up of a university professor, a circus teacher and eight academics traveled up the Paraguay River towards the upper Pantanal to present a circus show for children who live in the flooded regions and study at the “escolas das águas”. The aim of this report is to recount the experience of giving pupils from two “escola das águas” on the Pantanal in the state of Mato Grosso the opportunity to watch a circus show and to briefly describe this encounter: children from the Pantanal waters and the circus.

Keywords: Pantanal. Circus. Schools of the waters.

Un barco, un río, un circo

Resumen

En octubre de 2023, una compañía formada por un profesor universitario, un profesor de circo y ocho académicos remontó el río Paraguay hacia el Pantanal superior para presentar un espectáculo de circo a los niños que viven en las regiones inundadas y estudian en las “escolas das águas”. El objetivo de este informe es relatar la experiencia de ofrecer a los alumnos de dos “escola das águas” del Pantanal, en el estado de Mato Grosso, la oportunidad de asistir a un espectáculo de circo y señalar brevemente algunas descripciones de este encuentro: los niños de las aguas del Pantanal y el circo.


Palabras clave: Pantanal. Circo. Escuelas de las aguas.

¹ Revisão ortográfica e gramatical do artigo realizada por Mirna Juliana Santos Fonseca, licenciada em Letras-francês pela Universidade Federal do Ceará, Mestre e Doutora em Educação pela PUC-Rio.


² Doutor em Ciências Humanas, Educação pela PUC-Rio. Mestre em Educação Física pela USP. Licenciado em Educação Física pela UNESP, Rio Claro. Prof. Adjunto do curso de Educação Física e do Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal do Mato Grosso Sul (UFMS) – Campus do Pantanal.

 rogeriozmelo@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/1352324187056085>  <https://orcid.org/0000-0002-0365-6000>

³ Doutor em Educação Física e Sociedade pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Ciências Humanas e Sociais pelo programa Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Bacharel em Ciências do Esporte. Ator e palhaço habilitado pelo Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversão (SATED).  godoy.lb@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/6501810364543985>  <https://orcid.org/0000-0003-0857-9937>

⁴ Doutora em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestrado na mesma Faculdade, na área de Educação Física e Sociedade. Graduação (Licenciatura e Bacharelado) em Ciências da Atividade Física e do Esporte pela Universidade Politécnica de Madri (Espanha), com especialidade em Educação Física, Lazer e Recreação. Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Norte de Paraná. Professora efetiva do curso de Educação Física da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Ituiutaba.  teresa.barragan@uemg.br

 <http://lattes.cnpq.br/1091012061567759>  <https://orcid.org/0000-0002-1858-9218>

Uma imensidão de águas

O Pantanal é a maior planície alagada do mundo, cenário paradisíaco de novelas e filmes⁵, conhecido por sua fauna e flora exuberante, consequência do ciclo das águas, em um loop infinito, com a cheia dos rios e, posteriormente, com a vazante e a estiagem, sendo impossível saber onde começa e onde termina. O ritmo da inundação e a estabilização da cheia provocam transformações significativas nas paisagens e nos modos de vida dos habitantes desse lugar (Da Silva; Silva, 1995).

Corumbá, município de Mato Grosso do Sul, abriga 60% do Pantanal brasileiro e, por isso, leva a alcunha de “capital do Pantanal”, pois aproximadamente 95,6% dos seus 64.965 km² estão em terras pantaneiras. A área urbana de Corumbá abrange 39 km², representando apenas 0,06% da extensão total do município (Zaim-de-Melo et al., 2020).

Nessa conjuntura, a população corumbaense se divide entre os que moram nas cidades, os que moram no campo e quem mora nas áreas alagadas, nas regiões ribeirinhas – peões de fazendas de gado, pescadores, isqueiros (coletores de iscas para a pesca, visando a comercialização), agricultores familiares de subsistência, mineiros e as etnias indígenas Guató, Terena, Kadiwéu, Kinikinau e Ayoreo (Araújo, 2023). De acordo com a prefeitura de Corumbá, em 2015, aproximadamente 651 famílias residiam nas áreas alagadas, totalizando 2.066 pessoas (Corumbá, 2015).

A forma de viver dos que habitam as áreas alagadas está intimamente conectada ao ritmo da natureza e, por meio dessas experiências, formam suas percepções sobre os lugares onde residem, interagindo com a natureza em seu entorno, gerando uma compreensão que dá sentido à sua existência, levando em consideração a construção e compartilhamento de saberes (Manfrinate; Nora; Rossetto, 2020).

⁵ Em 2022 e 2023 foram veiculados, respectivamente, a novela “Pantanal”, de Bruno Luperi, e o filme “Destinos opostos”, de Walther Neto.

Morar nas “águas” tem seus benefícios e o principal é conviver com uma natureza deslumbrante, onde é possível avistar, sem nenhum esforço, tuiuiús, colhereiros, curicacas, garças, tucanos, ariranhas, jacarés, capivaras, tamanduás e a temida onça-pintada. O tempo flui de maneira mais tranquila, sem as demandas da vida na cidade, desprovido das inquietações do dia a dia urbano, seguindo o ritmo único do Pantanal, ao despertar com os primeiros raios de sol e repousar algumas horas após o seu ocaso.

Porém, viver nas áreas alagadas tem suas agruras, como a escassez de água potável ou a falta de energia elétrica, as queimadas ilegais e/ou acidentais – as quais geram problemas para a saúde dos pantaneiros, quanto ao cultivo de alimentos para a subsistência – e as mudanças climáticas, que vêm se intensificando nos últimos anos (Siqueira, 2015). Outra dificuldade vivida pelos locais é o acesso a serviços essenciais, como educação, saúde e cultura. Os serviços das duas primeiras áreas são considerados precários e o acesso a bens culturais (exposições de arte, concertos musicais, espetáculos circenses) é considerado inexistente (Zaim-de-Melo et al., 2020).

As políticas públicas para a região são escassas. No que concerne à saúde, a prefeitura de Corumbá criou, em 2012, o programa Povo das Águas, em parceria com as Forças Armadas e entidades civis, com o objetivo de levar atendimento médico e odontológico à população ribeirinha e promover a manutenção da carteira vacinal das crianças (Corumbá, 2012). As regiões pantaneiras recebem esse programa de duas a três vezes por ano.

No campo educacional, para atender a essa população, o município de Corumbá conta com as “escolas das águas”, assim chamadas informalmente devido à sua localização em áreas remotas, onde são impactadas pelo ciclo sazonal das águas do Pantanal (Zaim-de-Melo; Duarte; Sambugari, 2020). O total de unidades de ensino que constituem essas escolas flutua de acordo com as mudanças nas políticas governamentais, especialmente no que diz respeito às alterações na Secretaria Municipal de Educação de Corumbá, e às necessidades das comunidades do Pantanal em busca do acesso à educação (Zaim-de-Melo et

al., 2022). Em 2023, estavam em funcionamento 10 unidades de ensino, com 5 polos e 5 extensões (Corumbá, 2023).

Diante desse contexto, considerando a não existência de projetos culturais para o povo das águas, e inspirados pelo projeto “Navegando pelo rio dos sonhos”⁶ (Zaim-de-Melo et al., 2020), foi desenvolvida, em 2019, uma ação de extensão “o Circo vai a uma escola das águas” da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), que tinha como um de seus objetivos ampliar o acervo cultural das crianças das regiões alagadas, estudantes das escolas das águas. Finalizado o projeto, a ideia era continuar expandindo-o para outras unidades, mas, diante da pandemia da Covid-19, a ação precisou ser interrompida. Passados quatro anos, foi possível retomar a experiência de levar a arte circense para as crianças das águas, esquecidas pelas políticas públicas no que concerne à cultura. Dessa forma, o presente artigo tem o objetivo⁷ de narrar a vivência de proporcionar a alunos(as) de duas escolas das águas do Pantanal sul-mato-grossense a oportunidade de assistir um espetáculo circense e de descrever o encontro dessas crianças com o circo, sob o ponto de vista do(a) acadêmico(a) artista e dos(as) professores(as) das escolas⁸.

Preparativos

A entrada do circo nas universidades brasileiras é um fenômeno relativamente recente. Primeiro, houve o interesse do circo como um objeto de investigação científica (Ontañón; Duprat; Bortoleto, 2012) e de ensino (Miranda; Bortoleto, 2018), para depois ser visto como possibilidade de experiências formativas, artísticas e docentes (Miranda; Ayoub, 2017). É no contexto da formação que se inscrevem os projetos de extensão universitária que promovem o intercâmbio entre o ensino e a pesquisa com ações que beneficiam a

⁶ Projeto desenvolvido em parceria da UFMS com uma companhia de teatro Cia Maria Mole e uma companhia de circo Cia da Lona, entre 2005 e 2008, que, em um barco adaptado para ser um picadeiro de circo, explorou o rio Paraguai no Pantanal sul-mato-grossense, difundindo a arte circense entre a população ribeirinha.

⁷ Embora o objetivo principal seja uma narrativa, sob o ponto de vista de um dos autores, é preciso esclarecer que os princípios éticos de pesquisa foram respeitados, e faz parte das ações desenvolvidas a partir de um projeto de pesquisa devidamente aprovado no Comitê de Ética e Pesquisa da UFMS (CAAE nº 31691320.7.0000.0021).

⁸ No vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=aEF3lhbSIs&t=127s> é possível conhecer um pouco mais a experiência.

comunidade interna e externa à universidade (Zaim-de-Melo et al., 2021).

Após criado o projeto, nossa ida às escolas das águas foi pautada na poesia de Manoel de Barros, apoiada na sensibilidade que, segundo o poeta, é o entendimento do corpo. E assim, com o nosso corpo fizemos poesia, acreditando que a arte circense foi feita não para ser compreendida, mas para ser incorporada (Barros, 1990).

Abordamos o circo como uma linguagem artística que se conecta com diversas expressões estéticas, culturais, técnicas e sociais, que deu origem a espetáculos que percorreram, e ainda percorrem, desde os menores vilarejos até os grandes centros urbanos brasileiros (Lopes; Silva, 2014). O circo se configura como uma forma de arte multifacetada, a partir de uma diversidade de corpos que se destacam pelas habilidades “extraordinárias” que podem realizar, explorando limites, indo além das capacidades físicas, sem restrições ou trajetórias predefinidas. O cerne do seu processo criativo reside em explorar as capacidades únicas de cada indivíduo com seu corpo, originando uma performance artística dessas descobertas: “o circo combina desafio e habilidade, seja no voo ou na aterrissagem segura, na altura ou no equilíbrio preciso, na propulsão ou em acrobacias complexas” (Tucunduva; Bortoleto, 2019, p. 11).

A partir dessas perspectivas, e da mesma forma como inúmeras instituições educativas brasileiras encontram um caminho para a inserção do circo por meio da extensão universitária, foi oferecido na UFMS, um projeto extensão de atividades circenses “Redescobrimo o circo como recurso pedagógico”, vinculado ao curso de Educação Física, coordenado pelo professor Rogério Zaim-de-Melo, que teve como principal objetivo colaborar com a formação de futuros(as) professores(as), colocando-os(as) no lugar de protagonistas e atores, rompendo as barreiras da timidez e da insegurança e, ao mesmo tempo, no caso dos(as) acadêmicos(as) de um curso de formação de professores, oferecendo a possibilidade de um conhecimento democrático, que aceita todos os padrões corporais e opções de gênero e sexualidade.

O projeto consiste em dois encontros semanais, com duração de duas horas. No primeiro semestre, as atividades são organizadas em duas partes. A primeira

consiste em alongamentos, exercícios de consciência corporal e acrobacias individuais e em grupo. Na segunda, são apresentadas as diversas modalidades circenses (malabarismo, equilíbrio – de objetos e sobre objetos, acrobacias aéreas – tecido e lira, antipodismo e acrobacias realizadas com minitrampolim). No segundo semestre, a organização é semelhante, diferindo na participação de acadêmicos(as) que praticam as modalidades nas quais adquiriram afinidade, realizando uma espécie de treinamento mais direcionado (Zaim-de-Melo; Godoy; Santos Rodrigues, 2021).

Um barco, um rio, um circo

Para a retomada efetiva do projeto, no início do segundo semestre, entramos em contato com a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), explicando nossa intenção de levar a arte circense para duas das escolas das águas, localizadas no Alto Pantanal⁹. Com o apelo: “nos dê um barco que faremos um circo”, nossa solicitação foi prontamente aceita, com apenas um senão: a SEMED disponibilizaria a lancha, o piloto, mas não tinha condições de fornecer o combustível para a nossa viagem. Para solucionar esse problema, fizemos um *crowdfunding* e, em menos de 15 dias, já havíamos alcançado o valor necessário. As escolas escolhidas para a recepção do espetáculo de circo foram: Jatobazinho e Paraguai Mirim, unidades de ensino que distam 104 km e 140 km, respectivamente, do Porto Geral (PG) de Corumbá (Figura 1). O trajeto é feito de lancha, rio acima, e dura 3h30 até a Jatobazinho, e aproximadamente mais 40 minutos que isso até Paraguai Mirim. Por ser mais próxima, além de ser palco de uma das apresentações, a escola Jatobazinho funcionou, também, como alojamento dos(as) acadêmicos(as) e como ponto de apoio, camarim e pouso.

⁹ O Pantanal sul-mato-grossense é dividido em três áreas distintas, cuja referência para distingui-las é a distância do Porto Geral (PG), localizado na região central do município de Corumbá. São elas: o Alto Pantanal, situado na divisa com o estado do Mato Grosso, localizado a aproximadamente a 320 km do PG; o Médio Pantanal, ou Região do Taquari, localizado a aproximadamente 180 km do PG; e, o Baixo Pantanal, localizado a aproximadamente 280 km do PG.

Figura 1 – Escolas escolhidas – Fotos: Autor



Posteriormente, após a solução do problema do combustível, foram tomadas algumas decisões sobre o formato do espetáculo, as pessoas que comporiam a trupe, o figurino, entre outras. Para a definição do tipo de espetáculo, nos amparamos nas ideias do pesquisador e produtor Rodrigo Matheus (2011), que discorre sobre os tipos de espetáculos circenses. Os(as) acadêmicos(as) do projeto de extensão foram consultados(as) sobre o que gostariam de apresentar, como contar histórias, seguir um tema ou fazer uma montagem com um formato de espetáculo similar aos circos de lona itinerante, apresentando uma sequência de números circenses diversos (Lopes; Silva, 2020). Optamos por este último e, assim, iniciou-se a preparação dos números; quem seriam os(as) artistas, dependia da sua participação na construção de uma composição cênica, na qual apresentaria suas ideias e suas habilidades circenses.

Para definição do grupo de acadêmicos(as), utilizou-se como critério de escolha ter disponibilidade de tempo e ter condições de participar em mais de um número, sendo indispensável a apresentação de palhaços.

A elaboração dos números circenses não seguiu uma ordem específica. Em

geral, os(as) acadêmicos(as) que desejavam integrar o grupo de artistas que se apresentaria nas escolas das águas se encontravam em horários distintos do projeto de extensão, dedicando-se à criação de seus números em momentos separados. Posteriormente, com os números criados, eles se apresentavam para o restante do grupo. Essa exposição foi crucial, pois marcou um período de aprimoramento, com sugestões e possíveis recriações sendo discutidas.

Alguns(mas) acadêmicos(as) quiseram levar números de modalidades aéreas, como tecido ou lira, porém, devido a questões técnicas e de segurança não foi possível incluí-las no roteiro, pois não tínhamos tempo para instalar os equipamentos, tampouco conhecíamos as estruturas para a instalação de maneira segura.

Paulatinamente, o espetáculo foi ganhando forma e contamos com uma participação especial, a do professor de circo, Mauro Shiroma, um ex-participante do projeto de extensão que, após sua graduação em educação física, fundou a Vivart – espaço de ensino de atividades circenses em 2016. Assim, o coletivo circense Los Pantaneiros¹⁰ se preparava para mais uma apresentação.

O espetáculo teve duração de 45min e contou com 10 números. Os números do espetáculo foram: abertura do circo (com todos os participantes); duo acrobático (realizado com duas duplas); valsa dos palhaços (ao som de uma valsa vienense, os palhaços fazem uma paródia com o balé); malabarismo com *swing flag* (número com vários tipos de *flag* – triplo *big rainbow*, quadrado e triangular); número cômico “A domadora e o leão”; equilibrismo em rola-rola; malabarismo com lenços e bolinhas; pratos de equilíbrio; abelha, abelhinha¹¹; bambolês dançantes (desafio entre a plateia e os artistas); e o *grand finale*. Os figurinos utilizados foram doados pelas escolas de samba Vila Mamona e A Pesada, elaborados com tecidos, como lamê, tafetá e aplicações em rendas e paetês.

Esse processo de construção do espetáculo levou em torno de 45 dias. Nesse processo, pautados em Aguiar e Carrieri (2016), buscou-se dos(as) acadêmicos(as) dedicação intensa, trabalho árduo e um comprometimento profundo, tanto físico

¹⁰ Este é o nome utilizado pelo grupo de acadêmicos, quando realizam apresentações circenses.

¹¹ Reprise clássica em apresentações de palhaços, extraída do livro “Palhaços” (Bolognesi, 2003).

quanto emocional.

No dia 31 de outubro de 2023, às 6h da manhã, embarcaram em um dos barcos de apoio às escolas das águas da SEMED, de Corumbá (Figura 2), no Porto Geral, os(as) acadêmicos(as) artistas circenses, o professor Mauro e o professor Rogério, coordenador do projeto, carregados com 12 tatames, 2 bambolês, uma mala de figurinos e a certeza de que estavam prestes a viver uma experiência única e inesquecível, levando a arte circense para as crianças das águas, tão carentes de ações culturais.

Figura 2 – Embarque - Foto: Autor



Após 3h35 de viagem, atracamos na escola Jatobazinho, quando se iniciou o encantamento dos(as) acadêmicos(as), que até então não tinham a dimensão real de como era uma escola das águas, sua proximidade do rio, de como seria a acolhida dos professores e demais agentes educacionais que trabalham naqueles espaços.

Em um primeiro momento, estava decidido que utilizaríamos o alojamento da escola como camarim e, devidamente vestidos, seguiríamos para a escola Paraguai Mirim, mas um problema na embarcação que busca e leva as crianças para escola não permitiu a nossa ida, pois a instituição estava sem alunos naquele dia. Mais uma lição para todos nós. Mesmo que o planejamento seja feito com

todo o cuidado, quando se trata das águas pantaneiras, imprevistos acontecem. Foi necessário recalcular a rota, e a primeira apresentação aconteceria na Escola Jatobazinho. Em conversa com a coordenadora da escola, decidimos que a apresentação seria realizada no final do dia letivo, e que nós, artistas, faríamos um cortejo pela escola, chamando os alunos para assistir ao espetáculo, como era realizado nas cidades brasileiras no século XX, levando o encantamento e a magia do circo, quebrando a rotina dos cidadãos brasileiros (Rocha, 2012), no nosso caso, dos(as) alunos(as) da escola.

As ideias da coordenadora foram repassadas para os(as) acadêmicos(as) e, em conjunto, escolhemos a música que utilizaríamos: “Piruetas”, de Chico Buarque. Iniciamos a “transformação” de acadêmicos(as) em circenses, fazendo maquiagem, vestindo os figurinos e nos preparando para iniciar as apresentações.

Às 16h30, ao som de “Piruetas”, iniciamos o nosso cortejo. Passamos pelo ateliê de artes, onde as crianças estavam em atividade. Então, abrimos a porta para convidá-las para o espetáculo. Em um primeiro momento, observamos. Os olhares de espanto e a desconfiança rapidamente se transformaram em alegria e curiosidade. Após esse primeiro convite, seguimos, artistas e crianças (Figura 3), em direção às salas de aula.

Figura 4 – Cortejo circense - Foto: Autor



Finalizado o cortejo, os alunos tomaram seus lugares na plateia e o espetáculo foi iniciado. O mestre de cerimônia iniciou com a clássica saudação: “Respeitável público, o espetáculo vai começar! Mas antes, eu preciso perguntar: vocês já foram a um circo?” A resposta foi um sonoro “Nããããoooo!” – exceto seis crianças que responderam afirmativamente. Então, o mestre de cerimônia perguntou: “Onde?” E uma menina respondeu: “Ué, aqui, quando vocês vieram da outra vez!”¹² O espetáculo aconteceu como o esperado, muitas risadas e aplausos, tendo na reprise “abelha, abelhinha”, o momento de maior êxtase.

Terminada a apresentação, os integrantes do grupo ficaram no local por mais um momento, para registros fotográficos com as crianças, e se retiraram para o alojamento, onde realizaram uma roda de conversa com o intuito de avaliar o que havia sido feito, buscar soluções para os erros que aconteceram e externar as sensações despertadas, pois, para todos(as) os(as) acadêmicos(as) presentes tratou-se da estreia oficial em um “picadeiro”. “O posicionamento cênico” foi o principal tema, pois nos números cômicos, em alguns momentos, os “artistas” ficaram de costas para o público; outro tópico levantado referia-se ao mestre de cerimônia, ao qual foi solicitado que tentasse interagir ainda mais com a plateia, guiando o espetáculo, pois, como era a primeira vez que muitos dos espectadores assistiam a um espetáculo circense, às vezes, não sabiam a hora certa de aplaudir, ou mostravam-se tímidos durante as apresentações. Após a roda de conversa, ficou acordado que na apresentação seguinte o coletivo prestaria mais atenção nas questões levantadas.

Como a escola Jatobazinho¹³ serviu de base para a nossa aventura, tivemos a oportunidade de conversar com alguns alunos durante o jantar. Perguntamos a eles: “Do que vocês mais gostaram?” As respostas foram variadas: “De todos!”, “Dos palhaços!”, “Das irmãs!” (número de duo acrobático que foi apresentado como se as meninas que se apresentavam fossem irmãs). Mas uma resposta chamou a nossa atenção: “Gostei de tudo! Nunca vi nada tão lindo! Todo mundo chique! Tudo

¹² Em 2019, foi realizado o projeto de extensão O circo vai a uma Escola das Águas, com atividades e apresentações circenses nessa escola.

¹³ A escola Jatobazinho funciona em regime de alternância, um internato semanal no qual as crianças chegam segunda-feira, permanecem na escola até sábado, quando retornam a suas casas.

brilhoso! Não consigo escolher um!”¹⁴ Todas essas frases vieram juntas com um brilho no olhar e com um sorriso que chegava direto ao coração de quem via e escutava.

Para a apresentação na escola Paraguai Mirim (Figura 4), todos precisaram despertar mais cedo para maquiagem, pequenos concertos no figurino e para iniciar o processo de concentração. Às 8h30 do dia 1º de novembro, devidamente vestidos e maquiados, embarcamos para a nova “praça”, mais carente e desfavorecida. A realidade dessa escola evidenciava, mais uma vez, a disparidade entre as instituições escolares. Enquanto a escola Jatobazinho é gerida por uma parceria público-privada, entre a prefeitura e a organização social privada “Instituto Acaia” – com salas de aula, biblioteca, ateliê de arte, piscina, refeitório, alojamentos para alunos, professores e visitantes –, a Paraguai Mirim é gerida apenas com os recursos da prefeitura e representa a realidade das escolas das águas, com salas multisseriadas, total dependência do poder público, entre outros. Mesmo assim, a escola que nos recebeu de braços abertos.

Já na nossa chegada, tomamos o primeiro choque de realidade, para que desembarcássemos do barco foi utilizada uma rampa feita com uma tábua, muito semelhante a uma pinguela¹⁵, descemos a aproximadamente 30 metros da escola, em uma parte da área alagável que estava seca. Já no terreno da escola, fizemos a montagem dos tatames, onde seria nosso picadeiro. Ao contrário do que ocorreu no primeiro espetáculo, no qual o convite para as crianças foi feito na forma de um cortejo, na escola Paraguai Mirim, após a montagem do picadeiro, todos os circenses foram para a biblioteca. As crianças vieram das suas salas, as maiores e as professoras trouxeram suas cadeiras e as menores sentaram-se no chão. Depois de todos acomodados, ao som de “*Entry of gladiators*”, de Julius Fucik, sob a sombra de uma frondosa mangueira, tendo o rio Paraguai como cenário, foi iniciado o espetáculo para comunidade escolar.

¹⁴ Segundo o professor B (EJ): “No outro dia, as crianças ficaram falando como a roupa deles era linda”.

¹⁵ Tronco ou viga que se atravessa sobre um riacho para servir de ponte.

Figura 5 – Mosaico escola Paraguai Mirim - Foto: Autor



No início do espetáculo, o mestre de cerimônia saudou a plateia e perguntou para as crianças se elas já tinham ido a um circo, a resposta também foi um sonoro “não”. Escolas diferentes, reações muito semelhantes da audiência. O show foi apresentado e aplaudido por todos(as), com olhares curiosos das crianças encantadas, que não sabiam se sorriam, se aplaudiam ou se ficavam com a “boca aberta”. Uma professora chegou às lágrimas de tanto sorrir. Almoçamos com a escola e quando estávamos nos preparando para embarcar, um aluno de mais ou menos 8 anos falou: “Promete que vocês vão voltar?”

Subimos no barco com a sensação de dever cumprido, mas com o desejo de poder oferecer mais. No retorno, paramos na Jatobazinho para recolher nossa bagagem e fomos surpreendidos com 49 desenhos que cada criança da escola tinha elaborado, pensando no que mais tinha gostado da apresentação. Nesses desenhos, todos os circenses foram contemplados. Alguns representavam o momento da inspiração (Figura 5), outros remetiam aos números apresentados e a personagens trabalhadas no espetáculo. E assim, com o coração repleto de

alegria e a mala cheia de desenhos, retornamos para Corumbá.

Figura 6 – Mosaico artistas e desenhos - Foto: Autor



Se a ida para as escolas das águas foi repleta de expectativas, o retorno para o Porto Geral foi guiado pela satisfação. Os(as) acadêmicos(as) entraram em um estado de calma, contemplando a paisagem, num silêncio apaziguador.

A experiência sob a ótica dos acadêmicos-artistas¹⁶

Como a experiência de ir às escolas das águas afetou os(as) acadêmicos? Entendemos a experiência como algo que se conecta ao sujeito, deixando

¹⁶ Unimos os vocábulos acadêmico e artista, por considerar que durante a realização do projeto, esse acadêmico momentaneamente ocupou um lugar sob os “holofotes”, embora entendamos que para ser um artista de circo, são necessários anos de estudos e treinamentos.

impressões duradouras, em contraste com simples informações adquiridas. Talvez seja essa a grande distinção entre experienciar e vivenciar. A experiência é o que afeta e deixa marcas no sujeito, provocando deslocamentos e alterações sutis, algo que ganha eficácia mais pela intensidade do que pela frequência (Larrosa, 2016).

Para capturar esses afetos e narrar a experiência de proporcionar a alunos(as) das escolas das águas a oportunidade de assistir a um espetáculo circense e para descrever o encontro dessas crianças com o circo, sob o ponto de vista do(a) acadêmico(a) artista)¹⁷, foi realizada, em Corumbá, uma roda de conversa com todos os participantes da expedição. O tema central foi a importância da sua participação do projeto “O circo vai à escola”.

Duas falas dos acadêmicos merecem destaque, pois relatam sentimentos, como a ansiedade, misturada com a insegurança de explorar águas que ainda não foram navegadas, como nos apresenta um dos nossos acrobatas:

Primeiro eu estava ansioso, com frio na barriga. Quando eu vi a primeira escola, fui me acalmando [...]. Após as apresentações, a alegria tomou conta de mim, pois tudo ocorreu conforme nós planejamos [...] agora eu entendi o que o professor Pardal sempre fala, o que você faz é importante. Foi a primeira vez que percebi verdadeiramente a importância do que eu fazia refletida nos rostos das crianças. (Acrobata).

O olhar encantado das crianças me tocou, eu vi surpresa, vi risada, vi felicidade, o mais legal foi que, embora o espetáculo foi para elas, elas deixaram de ser o “respeitável público” para fazer parte do show. (Equilibrista).

A apresentação foi experimentada através do olhar da criança, como vimos na fala dos(as) acadêmicos(as) que perceberam a potencialidade das suas ações, nas quais seus corpos foram a ferramenta propulsora desse processo, pois com eles fizeram “a transgressão do possível e a realização do impossível” (Bolognesi, 2003, p. 187).

¹⁷ Todos(as) os(as) participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando a sua participação neste relato. O termo também foi enviado aos responsáveis pelas crianças, antes da ida a escola.

Diante da conversa com os acadêmicos é possível apontar que as crianças das duas escolas foram afetadas pela estética apresentada, pelo fascínio do corpo circense que, como afirma Bolognesi (2001, p. 103), “deixa de lado a roupa cotidiana que o esconde para se mostrar em sua grandeza contraditória [...], espetacularmente ele se desnuda para revelar toda a sua potencialidade”, e por ter visto, mesmo que temporariamente, a magia do seu quintal transformado em picadeiro.

Assim como foi na experiência anterior (Zaim-de-Melo *et al.*, 2021), os espetáculos tornaram-se momentos verdadeiramente extraordinários tanto para as crianças quanto para os(as) acadêmicos(as), com sorrisos, gargalhadas, surpresas, transe e a sensação de “perda de fôlego”.

Dessa forma, mais uma vez, destaca-se a riqueza dessas experiências extensionistas que tocam não somente os(as) acadêmicos(as) e a universidade como um todo, mas também a comunidade, que se enriquece com experiências diversas. E assim, graças a esse tipo de ação, promovida por pessoas convencidas da potência da arte circense, vamos contribuindo, como destacam Miranda e Ayoub (2017) ou Ontañón e Oliveira (2023), a legitimar essa arte nos diversos âmbitos educativos e, principalmente, a fortalecer e estreitar a necessária relação entre sociedade e universidade.

Considerando afetos

Estar em uma escola das águas é uma experiência extraordinária. A beleza do Pantanal, por si só, valeria a viagem, mas encontrar crianças tão carentes de ações culturais, que quando viram o nosso circo brilharam os olhos e nos convidaram para voltar, é algo quase impossível de se mensurar, mostrando um caminho de como é possível mudar a realidade dessas crianças. Não importa o grau de dificuldade da acrobacia que você realiza, e sim a intensão do motivo pelo qual você a executa. Acadêmicos(as) se transformaram em circenses, palhaços, malabaristas, equilibristas, domadores, e se doaram para que os(as) alunos(as) tivessem uma experiência inesquecível, como um dia aconteceu com eles mesmos, quando crianças, com o circo.

Nesse cenário, afirmamos que jamais se emerge de uma experiência desse tipo sem passar por mudanças. Essa foi uma das metas do projeto: levá-los a se apresentar em um picadeiro, envolver a plateia e a si mesmos em um lugar no qual as emoções os conduziram a se distanciar de suas individualidades. Assim, algo se alterou, seja na superfície, nas profundezas ou ao redor. O cerne do ser ascendeu à superfície, e tudo sofreu uma metamorfose, estávamos retornando após uma grande odisséia, e mesmo que nada tivesse mudado, os(as) acadêmicos(as) já eram outros e as crianças das águas também.

Referências

AGUIAR, Ana Rosa Camillo; CARRIERI, Alexandre de Pádua. “Água de lona” e “sangue de serragem” nos discursos de sujeitos circenses. *Organizações & Sociedade*, v. 23, n. 77, p. 247-262, 2016.

ARAÚJO, Sabrina Sales. *Ecoturismo e identidade no Pantanal sul: uso da categoria "pantaneiro" em perspectiva*. 2023. 169 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2023.

BARROS, Manoel de. *Gramática expositiva do chão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

BOLOGNESI, Mário Fernando. O corpo como princípio. *Trans/Form/Ação*, v. 24, p.101-112, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732001000100007>.

BOLOGNESI, Mario Fernando. *Palhaços*. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

CORUMBÁ. Prefeitura Municipal de Corumbá. *Lei nº 2263/2012, de 24 de agosto de 2012*. Cria o programa “Povo das Águas”, de atendimento às comunidades situadas nas regiões das águas do município de Corumbá. Corumbá, 2012.

CORUMBÁ. Prefeitura Municipal de Corumbá. Secretaria Municipal de Educação. *Lei Ordinária nº 2483/2015, de 26 de junho de 2015*. Aprova o Plano Municipal de Educação do município de Corumbá (2015-2025). Corumbá, 2015.

CORUMBÁ. Secretaria Municipal de Educação. *Relatório de alunos matriculados nas Escolas das Águas*. Corumbá, 2023.

DA SILVA, Carolina Joana; SILVA, Joana Fernandes. *No ritmo das águas do Pantanal*. São Paulo: NUPAUB,1995.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre a experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LOPES, Daniel Carvalho; SILVA, Ermínia. Trajetórias circenses: a produção da linguagem circense por membros da família Chiarini na América Latina nos anos de 1829 a 1840. *Ensaio Geral*, Belém, v. 3, n. 3, p. 43-64, 2014.

LOPES, Daniel de Carvalho; SILVA, Erminia. Circo: percursos de uma arte em transformação contínua. *Cadernos do GIPE-CIT*, v. 1, p. 86-100, 2020.

MANFRINATE, Rosana; NORA, Giseli Dalla; ROSSETTO, Onélia Carmem. Os sentidos ribeirinhos sobre as águas do rio: a percepção da comunidade de Barão de Melgaço sobre o rio Cuiabá. *Ciência Geográfica*, v. 24, p. 1863-1882, 2020.

MATHEUS, Rodrigo. No princípio de um processo de criação de espetáculo. *Circonteúdo*, 2011. Disponível em: <https://www.circonteudo.com/colunista/coluna-7-no-principio-de-um-processo-de-criacao-de-espetaculo/>. Acesso em: 12 nov. 2023.

MIRANDA, Rita de Cassia Fernandes; AYOUB, Eliana. Por entre as brechas dos muros da universidade: o circo como componente curricular na formação inicial em Educação Física. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 30, n. 2, p. 59-87, 2017. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/11867>. Acesso em: 17 nov. 2023.

MIRANDA, Rita de Cassia Fernandes; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. O circo na formação inicial em educação física: um relato autoetnográfico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 40, p. 39-45, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.01.004>. Acesso em: 17 nov. 2023.

ONTAÑÓN, Teresa Barragan; DUPRAT, Rodrigo Mallet; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Educação física e atividades circenses: “o estado da arte”. *Movimento*, v. 18, n. 2, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115323638006.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2023.

ONTAÑÓN, Teresa Barragan; OLIVEIRA, Natália Araújo. Aprendendo a ensinar circo: a curricularização da extensão universitária e seus impactos na formação dos discentes. *Revista Conexão UEPG*, Ponta Grossa, v. 19, e2321747, p. 1-14, 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/view/21747>. Acesso em: 20 nov. 2023.

ROCHA, Gilmar. O circo chegou! memória social e circularidade cultural. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 69-89, 2012.

SIQUEIRA, André Luiz. *Conflitos socioambientais em comunidades tradicionais de fronteira: o caso da comunidade da Barra do São Lourenço no Pantanal Sul*. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2015.



TUCUNDUVA, Bruno Barth Pinto; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. O circo e a inovação curricular na formação de professores de educação física no Brasil. *Movimento*, Porto Alegre, v. 25, p. 250-255, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/88131>. Acesso em: 8 nov. 2023.

ZAIM-DE-MELO, Rogério; DUARTE, Rosalia Maria; SAMBUGARI, Marcia Regina do Nascimento. Jogar e brincar de crianças pantaneiras: um estudo em uma “escola das águas”. *Pro-Posições*, v. 31, p. e20180052, 2020.

ZAIM-DE-MELO, Rogério; GODOY, Luís Bruno de; RIZZO, Deyvid Tenner de Souza; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Circo no pantanal: o ensino da arte em uma escola das águas. *Revista Educação em Debate*, n. 85, p. 75-92, 2021

ZAIM-DE-MELO, Rogério; GODOY, Luís Bruno de; SANTOS RODRIGUES, Gilson. De universitários a “artistas”: a trajetória da trupe Los Pantaneiros no Pantanal Sul-Mato-Grossense. In: BARBOSA, Diocélio Batista; OLIVEIRA, Maria Carolina Vasconcelos (org.). *Circo e comicidade: reflexões e relatos sobre as artes circenses em suas diversas expressões*. Jundiá: Paco Editorial, 2021.

ZAIM-DE-MELO, Rogério; SAMBUGARI, Márcia Regina do Nascimento; NOZU, Washington Cesar Shoiti; KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. Cultura escolar: espaços, tempos e currículo de uma “Escola das Águas” do Pantanal. In: TORQUI, Gicelma da Fonseca Chacarosqui; SILVA, Denise; FIGUEIREDO, Carlos Vinicius da Silva; LEITE, Mário Cezar Silva (org.). *Explosão cultural: interfaces dos estudos*. Campinas: Mercado de Letras, 2022.

ZAIM-DE-MELO, Rogério; TIAEN, Marcos Sérgio; GODOY, Luis Bruno de; COSTA, Ana Carolina Pontes; SAMBUGARI, Márcia Regina do Nascimento. Navegando no rio dos sonhos: quando o barco vira um circo. *Cadernos do GIPE CIT: o circo ontem e hoje*. Salvador, ano 25, n. 44, p. 186-202, 2020.

Recebido em:19/12/2023

Aprovado em: 03/05/2024

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT
Centro de Arte – CEART
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas
Urdimento.ceart@udesc.br